

Pessoas com Relações com Pessoa: ensaio fotográfico de recitação de sonetos pessoanos

Persons with Relationships with Pessoa: photographic essay on reciting Pessoa's sonnets

Pedro Matos Soares* & Carlos Pittella**

Palavras-chave

Fernando Pessoa, poesia, fotografia, sonetos, trípticos, recitação.

Resumo

O presente trabalho apresenta o ensaio fotográfico *Pessoas com Relações com Pessoa*, através de 12 dos 42 retratos de recitadores de sonetos pessoanos que constituem o corpo de uma futura exposição. As fotos são organizadas em quatro trípticos fotográficos, cada um deles sendo precedido do soneto respectivo em edição crítica. A apresentação do ensaio fotográfico inclui uma nota artística introdutória, o aparato crítico-genético dos sonetos retratados e referências bibliográficas.

Keywords

Fernando Pessoa, poetry, photography, sonnets, triptychs, reciting.

Abstract

The authors introduce the photographic essay *Persons with Relationships with Pessoa*, with 12 of the 42 portraits of reciters of Pessoaan sonnets that constitute a future exhibit. The photos are organized into four photographic triptychs, each being preceded by the corresponding sonnet in critical edition. The presentation of the photo-essay includes an introductory artists' statement, the critical apparatus of the featured sonnets, and bibliographical references.

* Instituto Dom Luiz (IDL), Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

** Centro de Estudos de Teatro (CET), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

I. INTRODUÇÃO / INTRODUCTION

NOTA ARTÍSTICA

Pessoas com Relações com Pessoa é um projecto fotográfico que explora as ressonâncias entre fotografia e poesia – mais concretamente, entre o retrato depurado e a intensidade expressiva dos sonetos de Fernando Pessoa. O objectivo primordial deste ensaio fotográfico centra-se na expressividade humana (natural e não ensaiada) associada à poesia na forma lírica mais clássica da literatura ocidental – o soneto. Fernando Pessoa impôs-se na literatura portuguesa (mundial) como poeta dos múltiplos-Eus; escreveu em nome de 136 *personae* diferentes: alguns, heterónimos completos e complexos; outros, personagens espontâneas e episódicas de que pouco se sabe. E Fernando Pessoa escreveu poesia não apenas em português, mas também em inglês e francês. Neste âmbito, convidou-se um conjunto muito díspar de pessoas para expor suas distintas relações com Pessoa ao recitar sonetos do poeta, tendo por base razões e/ou motivações muito diferenciadas – desde o conhecimento profundo ao desconhecimento total de um soneto alocado, com nacionalidades tão próximas quanto longínquas da lusitanidade, mas todas assentes no fio condutor que é a sua eventual relação, ou a ausência dela, com a vida e a obra de Pessoa.

As pessoas retratadas são, umas, próximas; outras, desconhecidas; umas, grandes apreciadoras do Poeta; outras, apenas apresentadas a Pessoa e sua obra através deste projecto. Para cada qual foi escolhido um dentre catorze possíveis sonetos, com base no conhecimento, pouco ou muito, que *a priori* se tinha dessa mesma pessoa. A esta escolha seguiu-se um convite à interiorização do poema e, se possível, de memorização, para depois se o declamar na sessão fotográfica propriamente dita. Importa enfatizar que não se pretendeu captar nem actuações ensaiadas nem modelos com uma relação privilegiada com a representação nem com a câmara fotográfica, mas sim pessoas comuns, ora com uma imensa dificuldade em encarnar um soneto, ainda mais perante uma máquina fotográfica, ora com total auto-desconhecimento, fazendo-o de forma espontânea e admirável. A última coisa que aqui importou foi a aparência física ou a fotogenia. Procurou-se a essência das pessoas, nas suas revelações, na sua in/capacidade de se apropriarem de um poema, nos seus desconfortos e dificuldades. Buscou-se, pois, uma ampla dinâmica de personalidades – uma singular aproximação aos múltiplos-eus de Pessoa.

Os estudos sobre Fernando Pessoa inexoravelmente giram em torno da unicidade e multiplicidade da sua obra. Recentes investigações sobre o espólio literário do poeta têm permitido descobrir vezes sem conta inéditos, incluindo sonetos e poemas em verso livre, prosa e teatro, fragmentos e aforismos adensando a materialidade do arquivo pessoano e alimentando a sua infinita pluralidade póstuma. As novas transcrições, edições críticas e interpretações têm oferecido um

novo conjunto de eixos a essa vasta obra. Em particular, o teatro pessoano propriamente dito tem sido redescoberto, com o *Teatro Estático* (PESSOA, 2017) e o *Fausto* (PESSOA, 2018) recentemente ganhando as suas primeiras edições críticas – intimando-nos a uma nova compreensão da natureza essencialmente dramática da obra pessoana, das peças teatrais ao meta-drama dos heterónimos.

Tal crescente policromia encontra um paralelo na evolução da fotografia, que, no tempo actual – produto de meios, instrumentos e visões –, também frui de um aumento vertiginoso. O paralelismo terá ainda mais momento quando se elabora nas ressonâncias entre forma/ritmo de um poema e enquadramento/plasticidade de uma fotografia. Ainda que a matemática não fosse das temáticas favoritas do Poeta, a operação multiplicação impõe-se quando pensamos em Pessoa e na sua Poesia, assim como quando observamos uma fotografia – suas interpretações, mutação e reproductibilidade.

Pessoa compulsivamente rasurava, transformava, autorava ulteriormente tantos dos seus textos, num movimento de pós-produção (interminável) similar ao trabalho de um laboratório de fotografia, em que as possibilidades de composição e exposição alastram exponencialmente, ou mesmo de modo semelhante ao trabalho de edição de fotografia digital, em que a partir de um fotograma em resolução de qualidade (ou um projecto autopoietico pessoano) se pode desdobrar todo um novo corpo disjunto ou complementar de criação, fotográfica e/ou poética.

Tal como sobejamente sabido, um poema tem inúmeras interpretações; se lhe emprestarmos mais um conjunto de eixos dimensionais e temporais multiplicativos, tais como, por exemplo, a emoção, o constrangimento, a linguagem corporal e o dipolo abertura/obturador, é fácil imaginar o escalar para um conjunto *quasi* infinito de possibilidades – ou pelo menos um conjunto vasto, demasiado vasto para uma contagem humana... Não nos esqueçamos de que *infinito vezes infinito* é mesmo infinito, mas que a divisão de infinitos é uma indeterminação.

O espaço que medeia a indeterminação e o infinito exige uma operação linear de convolução entre as duas funções – obra poética Pessoaana e ensaio fotográfico – que intenta resultar numa terceira função – este ensaio fotográfico *Pessoas com Relações com Pessoa*, que é uma medida da soma do produto dessas funções num determinado espaço criativo e horizonte temporal.

Conscientes do propósito megalómano deste projecto – mal que também acometia Pessoa –, pretendemos retratar a força múltipla e expressiva associada a alguns dos sonetos de métrica clássica do Poeta-ele-mesmo (ou eles mesmos, pois o Pessoa-poeta-inglês será diferente do Pessoa-poeta-português) e de alguns de seus autores ficcionais, escritos originalmente em Português, Inglês e Francês.

Trata-se de sonetos, como não podia deixar de ser, por três razões: 1) por ser a forma por excelência da poesia lírica; 2) porque quis o destino que uma simples contagem do número de *personae* de Pessoa que escreveram sonetos nos conduzisse ao número 14 (incluindo o Pessoa poeta-inglês e o Pessoa poeta-francês) tal como o

número de linhas de um soneto, numa coincidência numerológica que aceitámos de bom grado; 3) porque a tradição do soneto e o seu ritmo, com três momentos ou movimentos fortes (Abertura, Volta, Desfecho), implica ainda outro número – o três. Deste modo, dois números (14 e 3) foram-nos impostos por Pessoa, e mais não se podia fazer que obedecer formalmente a estes e à sua multiplicação: $14 \times 3 = 42$. Isto é, 42 retratos, ou 14 sonetos de Pessoa retratados em forma de trípticos, oferecendo a convolução da dinâmica infinita que emana dos sonetos pessoanos e das variáveis fotográficas.

Os retratados, a quem agradecemos infinitamente vezes infinitamente, são – sublinhe-se – dos mais próximos aos mais longínquos, tanto os mais familiarizados quanto os mais surpresos, tanto em experiências poéticas e declamativas quanto em fotográficas, passando também pelas relações interpessoais, géneros, etnias, idades e nacionalidades. Lembremos que o vocábulo «Pessoa» brotou de «máscara»; assim sendo, cada um dos retratados munuiu-se da sua, mais ou menos, e numa nascente extenuante de emoções jorrou este projecto.

Jerónimo Pizarro, pessoanamente ecoando Einstein e sua explicação da teoria da relatividade, escreveu: «Pessoa era múltiplo, mas era uma flor, uma galáxia, uma sinfonia e seria, portanto, errado olhar apenas as árvores e não ver o bosque, ou ver o bosque e não ver a vida que se desdobra sob as copas das árvores» (PIZARRO, 2018: 22). Este projeto singelamente propõe mais uma forma de vida à obra poética de Pessoa.

NOTA EDITORIAL

A fim de introduzir *Pessoas com Relações com Pessoa*, este artigo inclui apenas 12 das 42 fotografias de recitadores de sonetos pessoanos que constituem o ensaio como um todo. As fotografias aqui apresentadas organizam-se em quatro trípticos, cada um deles precedido da edição crítica do seu respectivo soneto (o aparato crítico das transcrições, este apenas em português, e as referências bibliográficas completas são apresentadas ao fim do artigo). Na transcrição dos poemas, preserva-se a ortografia dos originais; espaços deixados em branco pelo autor são indicados pelo sinal ◇; leituras conjecturais, por *; intervenções editoriais, por parênteses retos. No aparato crítico, segue-se a convenção de transcrição de variantes promovida pela revista *Pessoa Plural*.

ARTISTS' STATEMENT

Persons with Relationships with Pessoa is a photographic project that explores the resonances between photography and poetry—more specifically, between raw portraiture and the expressive intensity of Fernando Pessoa's sonnets. The primary objective of this photographic essay focuses on the human (natural and untested) expressiveness associated with poetry in the most classic lyrical form of Western literature—the sonnet. Fernando Pessoa established himself in Portuguese and world literature as the poet of multiple selves; he wrote in the name of 136 different *personae*: some were complete and complex heteronyms; others, spontaneous and episodic characters of which little is known. And Fernando Pessoa wrote poetry not only in Portuguese, but also in English and French. In this context, a very diverse group of people were invited to expose their different relationships with Pessoa by reciting the poet's sonnets, based on very different reasons and/or motivations—from deep knowledge to total ignorance of an assigned sonnet, with diverse nationalities, both near and far from Lusitanity, but all based on the common thread that is its eventual relationship, or lack thereof, with Pessoa's life and work.

The persons photographed are, in some cases, close ones; others, mere acquaintances; some, great admirers of the Poet; others, only introduced to Pessoa and his work through this project. For each participant, one of fourteen possible sonnets was chosen, based on the *a priori* knowledge—little or ample—we had of said person. This choice was followed by an invitation for the individual to internalize the poem and, if possible, memorize and recite it in the actual photo session. It is important to emphasize we did not intend to capture either rehearsed performances or photo-models with privileged relationships with the representation or the camera, but rather ordinary people, sometimes with an immense difficulty to embody a sonnet, especially facing a camera, other times with total unselfconsciousness, doing so spontaneously and admirably. The last thing that mattered here was being photogenic or the physical appearance in general. We sought the essence of people, their revelations, their in/ability to appropriate a poem, their discomforts and difficulties. Thus, a broad personality dynamic was sought—a singular approach to Pessoa's multiple selves.

Pessoan studies inexorably revolve around the uniqueness and multiplicity of the poet's work. Recent investigations into Pessoa's literary estate have uncovered new materials time and again, including sonnets and poems in free verse, prose and drama, fragments and aphorisms which thicken the materiality of this personal archive and feed its infinite posthumous plurality. New transcriptions, critical editions, and interpretations have offered a new set of axes to this vast work. In particular, Pessoa's theater *per se* has been receiving new attention, with the *Teatro Estático* (PESSOA, 2017) and *Fausto* (PESSOA, 2018) recently gaining their first critical

editions—and challenging us to a new understanding of the essentially dramatic nature of the Pessoaan work, from the plays to the meta-drama of the heteronyms.

This growing polychromy has a parallel in the evolution of photography, which, at the present time—as the product of media, instruments and visions—also experiences a dizzying increase. The parallelism has even more momentum when one elaborates on the resonances between form/rhythm of a poem and framing/plasticity of a photograph. Although mathematics was not one of the Poet's favorite themes, the multiplication operation imposes itself when we think of Pessoa and his Poetry, as well as when we observe a photograph—its interpretations, mutation and reproducibility.

Pessoa would compulsively cross out, rewrite and further transform so many of his texts in a (endless) post-production process similar to the work of a photographic lab, where the possibilities of composition and exposure grow exponentially, or similarly to the work of editing digital photography, where a frame of high-quality resolution (or a Pessoaan autopoietic project) can unfold a whole new and separate or complementary body of work, whether photographic or poetic.

As is well known, a poem has numerous interpretations; if we lend it another set of multiplicative dimensional and temporal axes, such as, for example, emotion, embarrassment, body language, and the aperture/shutter dipole, it is easy to imagine the scaling to a nearly infinite set of possibilities—or, at least, a vast set, too vast for human counting... Let us not forget that infinity times infinity is indeed infinity, but that the division of infinities is an indeterminacy.

The space that mediates indeterminacy and infinity requires a linear convolution operation between the two functions—Pessoa's poetic work and photographic essay here—which attempts to engender a third function—this photographic essay *Persons with Relationships with Pessoa*, which is a measure of the sum of product of these functions in a given creative space and temporal horizon.

Conscious of the megalomaniac purpose of this project—condition that also afflicted Pessoa—we attempted to portray the multiple and expressive force associated with some of the classic metric sonnets, originally written by Pessoa in Portuguese, English, and French, and attributed either to Pessoa-himself (or themselves, as the Pessoa-English-Poet is rather different from the Pessoa-Portuguese poet) or to some of Pessoa's fictional authors.

These are sonnets, verily, for three reasons: 1) for being the quintessential form of lyric poetry; 2) because fate wanted that a simple count of the number of *personae* of Pessoa who authored sonnets would lead us to the figure 14 (including the English-poet Pessoa and the French-poet Pessoa), just as the amount of lines of a sonnet, in a numerological coincidence that we gladly embraced; 3) because the tradition of the sonnet and its rhythm, with three strong moments or movements (Opening, Turning or *Volta*, Closure), implies yet another number—three. Thus, two numbers (14 and 3) were imposed on us by Pessoa, and one could only formally

obey them and their multiplication: $14 \times 3 = 42$. That is, 42 portraits, or 14 Pessoaan sonnets portrayed in the form of triptychs, which offer us the convolution of infinite dynamics unleashed by Pessoa's sonnets and photographic variables.

The portrayed individuals, whom we thank infinitely times infinitely—we should underline—come from the closest to the farthest, from the most familiarized to the most surprised, both in poetic/declamatory and in photographic experiences, and represent a variety of interpersonal relations, genres, ethnicities, ages, and nationalities. Let us remember that the word “Pessoa” comes from “mask”; thus, each participant was equipped with their own, more or less evident—and, in a strenuous spring of emotions, this project flowed.

Jerónimo Pizarro, *Pessoanly* echoing Einstein and his explanation of the theory of relativity, wrote (we translate): “Pessoa was multiple, but he was a flower, a galaxy, a symphony, and it would therefore be wrong to look only at the trees and not see the woods, or look at the woods and not see all the life unfolding under the treetops” (Portuguese original in PIZARRO, 2018: 22). This project humbly proposes another life form to Pessoa's poetic work.

EDITORIAL NOTE

In order to introduce *Persons with Relationships with Pessoa*, this article includes only 12 of the 42 photographs of reciters of Pessoaan sonnets that make up the project as a whole. The photographs featured here are organized into four triptychs, each triptych being preceded by a critical edition of the respective sonnet (the critical apparatus of the transcriptions, in Portuguese, and the complete bibliographical references are given at the end of the article). In the transcription of the poems, the spelling of the originals is preserved; spaces left blank by the author are indicated by the sign $\diamond$; conjectural readings, by *; editorial interventions, in square brackets. In the critical apparatus, we follow the convention of transcription of variants promoted by *Pessoa Plural*.

II. AGRADECIMENTOS / ACKNOWLEDGEMENTS

Ana Bastos	Maité Larouche
Ana Sofia Varela	Maria Prasinou
André Dourado	Miguel Vaz
Angela Canez	Nina Vigon Manso
Antonio Cardiello	Nora Koegler
Catarina Guerreiro	Patrícia Silva
Catarina Martins	Patricio Ferrari
Claudia J. Fischer	Pedro Silva
Daniel Darne	Pierre Hollmuller
Diogo Fernandes	Rafael Luzio
Filomena Garcia	Rafael Paixão Soares
Guilherme Bastos Martins	Sandra Curado
Jerónimo Pizarro	Sara Paixão
Joana Rodrigues	Sílvia Cid
João Jacinto Ferreira	Sílvia Laureano Costa
Juliane Ritschel	Sofia Bandeira
Julianna Villa Verde	Sudipto Karmakar
Lea Grund	Susana Gonçalves
Lenka Janoušková	Urânia Sampaio
Luísa Mascarenhas	Valery Katsuba

III. TRÍPTICOS / TRIPTYCHS

1. Dr. Pancrácio, 1902

SONHO

Sonhei esta existencia de venturas,
Sonhei que o mundo era só d'amôr,
Não pensei que havia amarguras
E que no coração habita a dôr.

5 Sonhei que m'afagavam as ternuras
De leda vida e que jamais pallôr
Marcou na face humana as desventuras
Que a lei de Deus impoz com ò rigôr.

10 Sonhei tudo azul e côr-de-rosa
E a sorte ostentando-se furiosa
Rasgou o sonho formoso que tive;

Sonhando sempre eu não tinha sonhado
Que n'esta vida sonha-se acordado,
Que n'este mundo a sonhar se vive!







2. Eduardo Lança > F. Nogueira Pessoa,¹1902

ANTIGONA

Como te amo? Não sei de quantos modos varios

Eu te adoro, mulher de olhos azues e castos;

Amo-te co' o fervor dos meus sentidos gastos;

Amo-te co' o fervor dos meus preitos diarios.

- 5 É puro o meu amor, como os puros sacrarios;
É nobre o meu amor, como os mais nobres fastos;
É grande como os mar's altisonos e vastos;
É suave como o odor de lyrios solitarios.

Amor que rompe enfim os laços crús do Ser;

- 10 Um tão singelo amor, que augmenta na ventura;
Um amor tão leal que augmenta no soffrer;

Amor de tal feição que se na vida escura

É tão grande e nas mais vis ansias do viver,

Muito maior será na paz da sepultura!

¹ O sinal > indica que Pessoa alterou a atribuição do poema, neste caso de um autor fictício para o próprio ortónimo. Para notas biográficas das personagens pessoanas, *vide* PESSOA, 2016. [The > sign indicates that Pessoa changed the attribution of the poem, in this case from a fictional author to the orthonym himself. For biographical notes on the Pessoaan characters, see PESSOA, 2016.]







3. Charles Robert Anon > Alexander Search, 1904

SONNET

Could I say what I think, could I express
My every hidden and too-silent thought,
And bring my feelings, in perfection wrought,
To one unforcèd point of living stress;

5 Could I breathe forth my soul, could I confess
The inmost secrets to my nature brought;
I might be great; yet none to me hath taught
A language well to figure my distress.

Yet day and night to me new whispers bring,
10 And night and day from me old whispers take...
Oh for a word, one phrase in which to fling

All that I think and feel, and so to wake
The world; but I am dumb and cannot sing,
Dumb as yon clouds before the thunders break.







4. Alexander Search > Frederick Wyatt, 1907

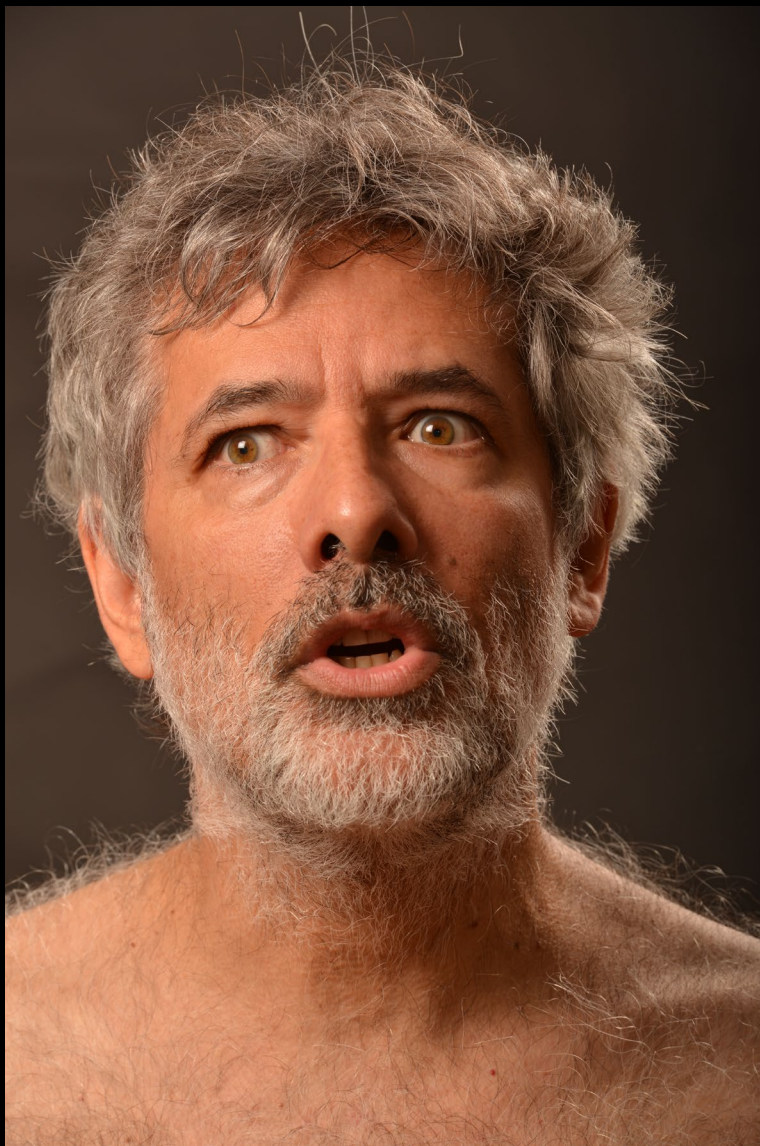
THE APOSTLE

The Preacher said: "My task, it is to take
To men the mystic balsam of a creed,
And in their hearts lust-taken to awake
A fervour above life and above need.

5 My work is to outcast the very greed
For beauty, and the chains of love to break,
And the whole field of youth and joy to rake
Clear for the sowing of mine holy seed.

I go to preach a doctrine sweet and sad
10 Of sacrifice and of benevolence;
I turn my back on life and local bliss.

But e'er I go—oh purpose void & mad!—
Would I could take to that cold life intense
The soul-perturbing memory of a kiss!"







IV. APARATO CRÍTICO² / CRITICAL APPARATUS³1. [BNP/E3, 87-24^v]

ATRIBUIÇÃO: Dr. Pancrácio

TÍTULO: Poesias & Canticos | Sonho | Soneto

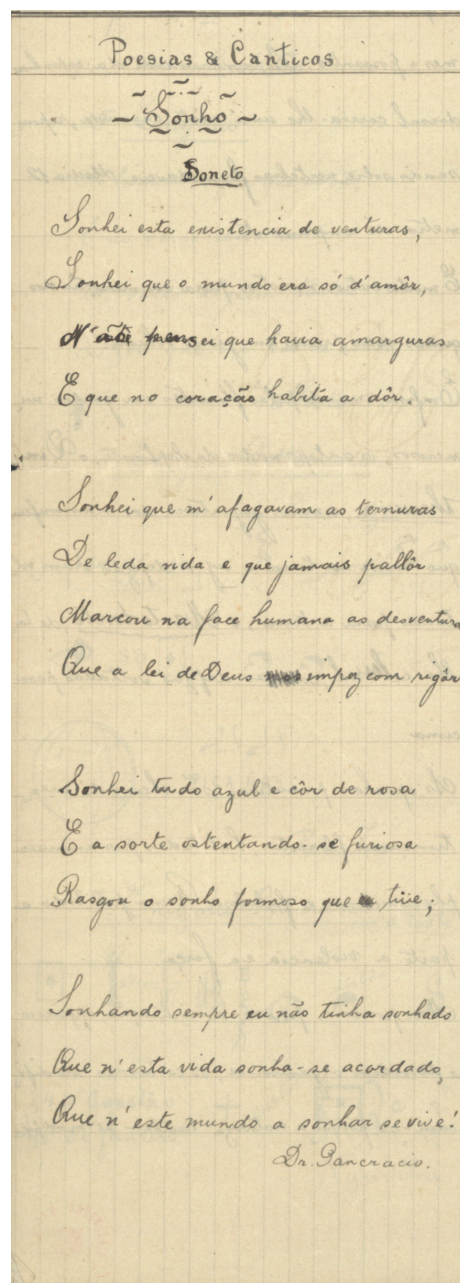
DESCRIÇÃO: Folha de papel almaço quadriculado e amarelado, manuscrita em ambos os lados a tinta preta, com emendas na mesma tinta e cancelamentos a lápis cinza. O rosto exhibe um cabeçalho com o título O PALRADOR, o preço, a numeração e a datação da publicação (imaginária), assim como os nomes do redactor, director, secretário da redação e administrador do jornal – todos personagens pessoanas. As páginas encontram-se subdivididas em três colunas, indicadas por verticais reforçadas, assim como em secções temáticas indicadas por horizontais, cada secção assinada por seu respectivo contribuinte.

DATAÇÃO: Sabbado, 24 de Maio de 1902.

PUBLICAÇÕES⁴: LOPES, 1990: 150; PITTELLA, 2012: 102.

NOTAS:

- 3 <N'este>/Não\ <t>/pens\ei
 8 Deus <nos> impoz] riscado a lápis cinza; com a anulação, o verso ficou hipométrico, embora a acentuação de «impoz» ficasse agora corrigida, recaindo sobre a 6^a em vez de sobre a 7^a sílaba; indica-se, pois, o sinal de incompletude, não onde havia o «nos» rasurado, mas na 8^o sílaba.
 11 formoso que <eu> tive] riscado a lápis cinza; acentuação não-canónica sobre a 7^a sílaba do decassílabo.

BNP/E3, 87-24^v, pormenor

² Apresentamos o aparato crítico apenas em português.

³ We present the critical apparatus in Portuguese only.

⁴ Indicam-se apenas publicações que tenham alterado a transcrição e/ou atribuição do poema.

2. [BNP/E3, 153-18^r, 153-24^r, 56-6^r]

ATRIBUIÇÃO: **A** ◇ **B** (<de Eduardo Lança>) **C** F[ernando] Nogueira Pessoa

TÍTULO: **A** ◇ **B** Sonetos d'Amôr. | A_{xxx} | I. **C** Antigon<e>/a\

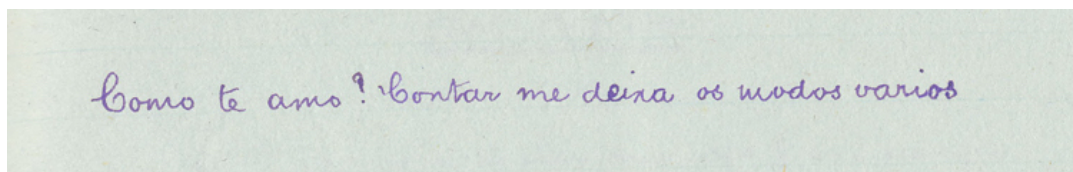
DESCRIÇÃO: Há três testemunhos: **A** (153-18^r) e **B** (153-21^r), lições parciais (*A* apenas com uma versão do incipit e *B* com os quartetos), e **C** (56-6^r), com o soneto completo. *A* e *B* são folhas de papel almaço azul com pautas pouco visíveis, pertencente ao caderno «Contas Correntes: sonetos, lendas, etc.» (BNP/E3, 153), manuscritas a tinta arroxeadada; *B* ainda apresenta uma tinta preta e intervenções a lápis cinza. *C* é uma folha de papel almaço quadriculado e amarelado semelhante ao suporte do soneto anterior, escrita a tinta preta.

DATAÇÃO: **AB** ◇ **C** 1902 (Junho).

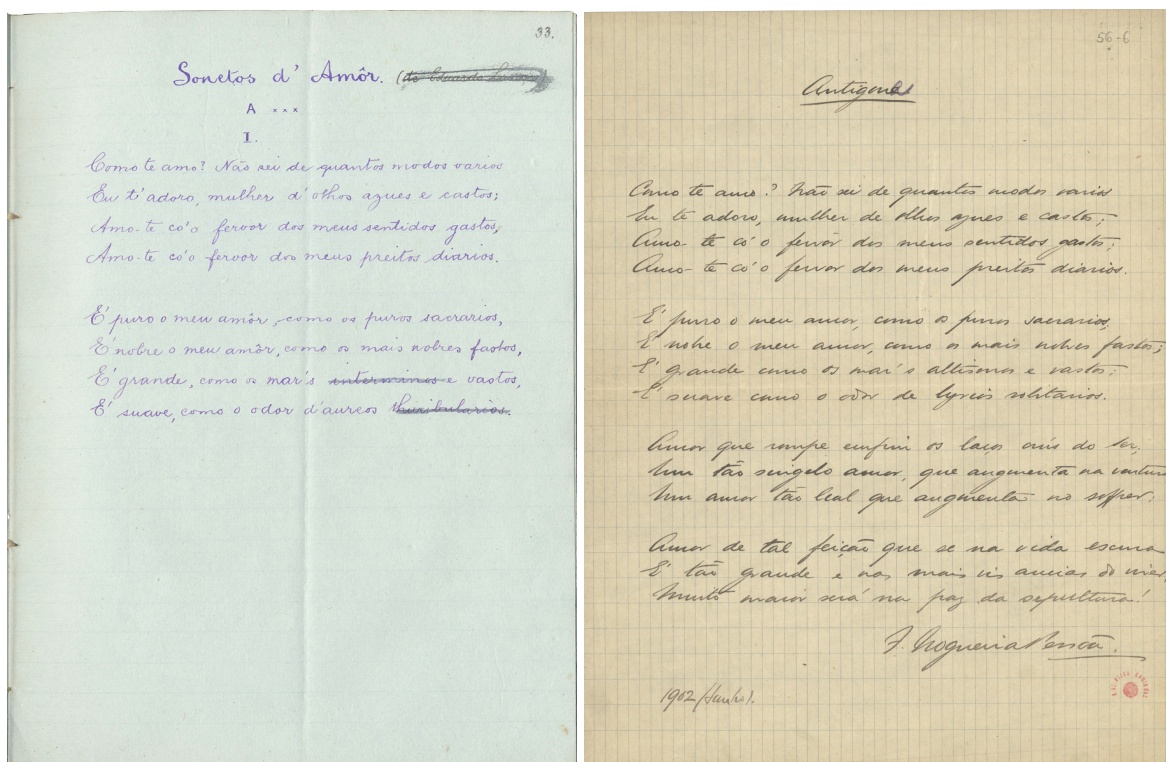
PUBLICAÇÕES: BLANCO, 1985: 34 (lição *B*); LOPES, 1990: 166-68 (*C*); PESSOA, 2005: 18 (*C*); PESSOA, 2009: 119-20 (*AB*); PITTELLA, 2012: 102 (*BC*).

NOTAS:

- 1 **A** Como te amo? Contar me deixa os modos varios **BC** Como te amo? Não sei de quantos modos vários] *tal como notou Pittella (2012: 102), este primeiro verso é tradução do célebre incipit de Elizabeth Barrett Browning: "How do I love thee? Let me count the ways" (poema XLIII de Sonnets from the Portuguese, de 1850); a lição A do poema de Pessoa é, pois, mera tradução do incipit daquele soneto inglês; já na lição B, a tradução da abertura é aprimorada, mas do segundo verso em diante o soneto pessoano diverge do original de Barrett Browning, consistindo em criação original; a propósito da descoberta de uma antologia de sonetos que pertencera a Pessoa em que constava o poema de Barrett Browning, Pittella (2017: 282) discutiu a curiosa intertextualidade deste soneto pessoano.*
- 2 **B** t'adoro, mulher d'olhos **C** te adoro, mulher de olhos
- 3 **B** fervor **C** fervôr] *como, na linha 4, fervor ressurge, sem circunflexo, optámos por uniformizar a ortografia, deixando a palavra sem acento, como na lição A.*
- 5-6 **B** amôr **C** amor] *além de retirar os circunflexos, a lição B troca vírgula por ponto-e-vírgula ao fim dos versos.*
- 7 **B** É grande, como os mar's <interminos> e vastos, **C** É grande como os mar's altisonos e vastos;
- 8 **B** É suave, como o odor d'aureos <thuribularios> **C** É suave como o odor de lyrios solitarios.



BNP/E3, 153-18^r, pormenor

BNP/E3, 153-21^r & 56-6^r3. [BNP/E3, 153-33^v, 77-71^r]ATRIBUIÇÃO: **A** Charles Robert Anon **B** Alexander SearchTÍTULO: **AB** Sonnet.

DESCRIÇÃO: Há dois testemunhos, muito similares exceto por pequenas alterações e pela mudança de atribuição de Anon para Search. **A** (153-33^v) é uma folha de papel almaço azul com pautas pouco visíveis, manuscrita a tinta preta, pertencente ao mesmo caderno em que constam as lições **A** e **B** do soneto anterior (BNP/E3, 153); no verso da folha encontra-se uma lição riscada do soneto «The Death of the Titan | Epicurean», datado «April 1904» e atribuído a Charles Robert Anon. **B** (77-71^r) é uma folha de papel almaço quadriculado e amarelado idêntica ao suporte da lição **C** do soneto anterior, escrita a tinta preta, com exceção de um «5» circunscrito no canto superior esquerdo, apógrafo e a tinta azul.

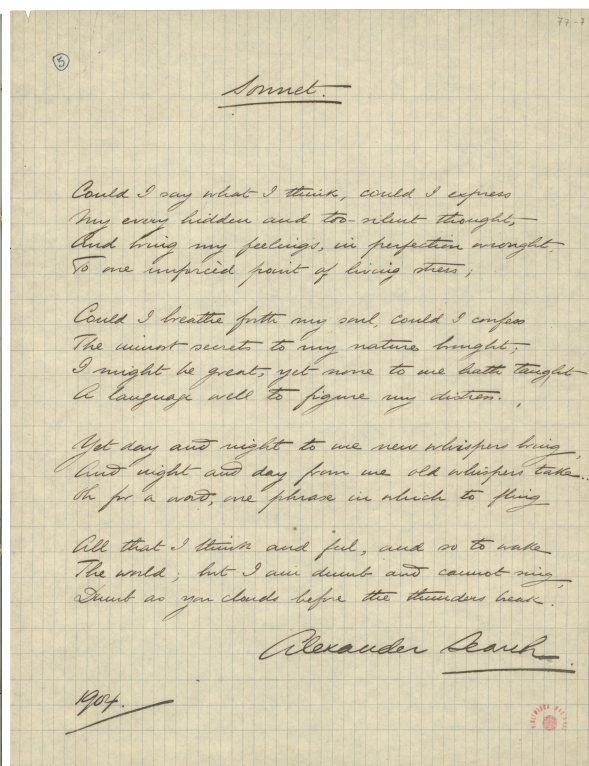
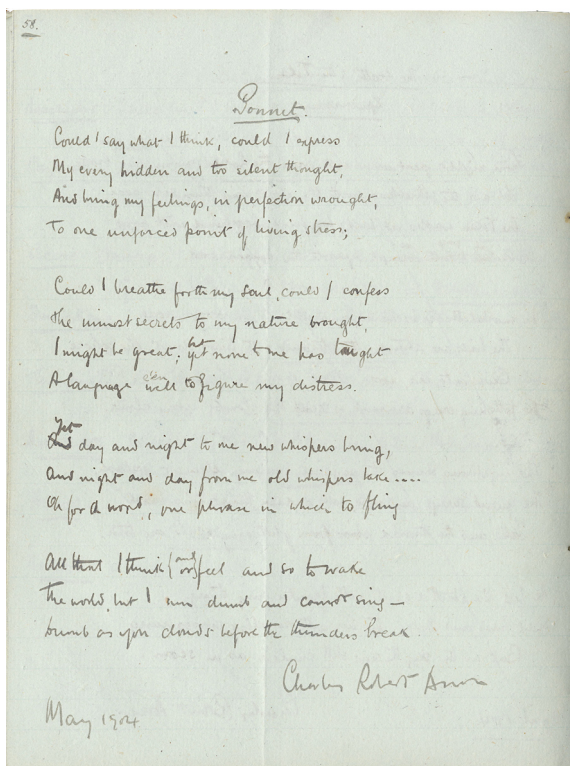
DATAÇÃO: **A** May 1904 **B** 1904.

PUBLICAÇÕES: LIND, 1966: 134-35 (**B**); LOPES, 1990: 187 (**A**); PESSOA, 1995: 44 (**B**); PESSOA, 1997: 144-45 (**B**); PESSOA, 2009: 129 (**A**); PITTELLA, 2012: 106 (**AB**).

NOTAS:

- 2 **A** too silent **B** too-silent
 4 **AB** unforcèd] acentuação métrica, para que a palavra seja lida como trissílaba.
 7 **A** yet [↑ but] none **B** yet none
 8 **A** A language well [↑ e'en] **B** A language well
 9 **A** And [↑ Yet] **B** Yet

- 12 A think or [↑ and] feel B think and feel
 13 A The world, but I am dumb and cannot sing— B The world; but I am dumb and cannot sing,

BNP/E3, 153-33^v & 77-71^r4. [BNP/E3, 79¹-5^v, 78-43^r]

ATRIBUIÇÃO: A A[lexander] S[earch] B Alexander Search X [Frederick] Wyatt

TÍTULO: A ◇ B The Apostle X The Apostle

DESCRIÇÃO: Há dois testemunhos de 1907 que atribuem o poema inicialmente a Alexander Search – A (79¹-5^v) e B (78-43^r) –, além da lista X (144P-2^r & 3^r), datável de 1913, que reatribui o soneto a Frederic Wyatt. A é uma folha de papel amarelado com vergaturas e pontusais, manuscrita a tinta preta; o verso, com a lição de «The Apostle», encontra-se inteiramente riscado (o que se explica pelo poema ter sido passado a limpo na lição B); o rosto apresenta o poema. «Nymph in nude sleep...», atribuível a Search (cf. PESSOA, 1997: 233-34). B é uma folha de papel almaço quadriculado e amarelado idêntica ao suporte da lição B do soneto anterior, manuscrita a tinta preta, com emendas numa segunda tinta preta mais fina, contendo ainda um «F» a lápis púrpura e um «16» apógrafo a tinta azul (circunscrito no canto superior esquerdo); Ferrari & Pittella (2016) discutem indicações como «F» presentes em poemas no corpus de Wyatt, assim como os critérios de atribuição.

DATAÇÃO: A June 19 1907 B 19th June 1907.

PUBLICAÇÕES: LIND, 1966: 85; PESSOA, 1995: 98; PESSOA, 1997: 243; PITTELLA, 2012: 117 (B); PESSOA, 2015: 29 (B); FERRARI & PITTELLA, 2016: 285-86 (AB).

NOTAS:

- 1 A My task B "My task
- 2 A creed B creed,
- 3 A hearts lust-*trod [↑ taken] B hearts lust-taken
- 5 A *outcast [↑ out cast] B outcast
- 6 A For beauty & the <joys of love> [↑ chains of love] to break B For beauty,
and the chains of love to break,
- 7 A youth [↑ & joy] to rake B youth and joy to rake
- 10 A Of resignation, of love ◇ of sacrifice [→ benevolence] B Of sacrifice and of
benevolence;
- 11 A on life, on earthly bliss B on life<, /on earthly/> [↑ and local] bliss.
- 12 A go, oh God, can I be mad B go—/oh God, can I be mad/? [↑ purpose void
& mad!]-
- 13 A Would I could take with me from *having vice [↑ e'en to keep against vice]
[→ to that cold life intense] B Would I could take to that cold life intense
- 14 A soul-penetra[↓tra]ting memory of a kiss? B soul-perturbing memory of a
kiss!"

The Preacher said: "My task, it is to take
To men the mystic balm of a creed,
And in their hearts lust-taken to awake
A fervour above life and above need.
My work is to outcast the very greed
For beauty, and the chains of love to break,
And the whole field of youth and joy to rake
Clear for the sowing of mine holy seed.
I go to preach a doctrine sweet and sad
Of sacrifice and of benevolence,
I turn my back on life, on earthly bliss.
But e'er I go - oh God, can I be mad? -
Would I could take to that cold life intense
The soul-perturbing memory of a kiss!"

June 19 1907

A

16

The Apostle.

The Preacher said: "My task, it is to take
To men the mystic balm of a creed,
And in their hearts lust-taken to awake
A fervour above life and above need.
My work is to outcast the very greed
For beauty, and the chains of love to break,
And the whole field of youth and joy to rake
Clear for the sowing of mine holy seed.
I go to preach a doctrine sweet and sad
Of sacrifice and of benevolence,
I turn my back on life, on earthly bliss.
But e'er I go - oh God, can I be mad? -
Would I could take to that cold life intense
The soul-perturbing memory of a kiss!"

Alexander Search

19th June 1907

BNP/E3, 79¹-5^v & 78-43^r

V. BIBLIOGRAFIA / BIBLIOGRAPHY

- BLANCO, José (1985). «Fernando Pessoa: jovem poeta português». *Colóquio-Letras*, no. 88, pp. 27-36.
- FERRARI, Patricio; PITTELLA, Carlos (2016). «The Poems of Frederick Wyatt». *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, no. 10, Fall, pp. 226-301. <https://doi.org/10.7301/Z00863H2>
- LIND, Georg Rudolf (1966). «Die englische Jugenddichtung Fernando Pessas». *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*, vol. 6, comp. Hans Flasche. Westfalen: Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, pp. 130-163.
- LOPES, Teresa Rita (1990). *Pessoa por Conhecer*, vol. II – *Textos para um Novo Mapa*. Lisboa: Estampa.
- PESSOA, Fernando (2018). *Fausto*. Edição de Carlos Pittella; com a colaboração de Filipa de Freitas. Lisboa: Tinta-da-china (col. «Pessoa»).
- _____. (2017). *Teatro Estático*. Edição de Filipa de Freitas & Patricio Ferrari; com a colaboração de Claudia J. Fischer. Lisboa: Tinta-da-china (col. «Pessoa»).
- _____. (2016). *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro & Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china (col. «Pessoa»), 2ª ed. [1ª ed.: 2013].
- _____. (2015). *No Matter What We Dream—Selected English Poems*. Edited by Patricio Ferrari & Jerónimo Pizarro. Lisbon: Tell-a-story, 2nd ed. [1st ed.: 2014].
- _____. (2009). *Cadernos*, tomo I. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda (col. «Edição Crítica de Fernando Pessoa», série «Maior», vol. XI, tomo I).
- _____. (2005). *Poesia 1902-1917*. Edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas & Madalena Dine. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (1997). *Poemas Ingleses. Poemas de Alexander Search*. Edição de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda (col. «Edição Crítica de Fernando Pessoa», série «Maior», vol. V, tomo II).
- _____. (1995). *Poesia inglesa*. Organização e tradução de Luísa Freire. Lisboa: Livros Horizonte.
- PITTELLA, Carlos (2017). «Sonnet 101 with Prof. Pessoa: Fernando Pessoa's Marginalia on an Anthology of 19th-Century English Sonnets». *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, no. 11, Spring, pp. 277-375. <https://doi.org/10.7301/Z089142K>
- _____. (2012). *Pequenos Infinitos em Pessoa: uma aventura filológico-literária pelos sonetos de Fernando Pessoa* [tese doutoral]. Rio de Janeiro: PUC-Rio. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.30086>
- PIZARRO, Jerónimo (2018). *Ler Pessoa*. Lisboa: Tinta-da-china (col. «Pessoa»).

PEDRO MATOS SOARES é investigador principal no Instituto Dom Luiz (IDL) e professor convidado no Departamento de Engenharia Geográfica, Geofísica e Energia, ambos da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. O seu doutoramento em Física versou sobre a turbulência e nuvens em modelos atmosféricos. Na última década, focou o seu esforço de pesquisa em modelação e alterações climáticas, liderando actualmente o grupo de investigação *Alterações climáticas, processos na atmosfera-terra-oceanos e extremos* do IDL. Publicou mais de 80 artigos científicos em revistas internacionais e realizou centenas de comunicações internacionais e de divulgação. Pedro Matos Soares é também fotógrafo autodidacta. A sua actividade iniciou-se nos domínios da fotografia da natureza, publicando em livros e em revistas portuguesas de conservação e vida selvagem. Fotografou para *flyers* de divulgação ambiental, de espectáculos de música e dança, e algumas das suas fotos foram exibidas individual e colectivamente. Pedro viajou e fotografou exaustivamente na Europa, Américas do Norte e do Sul, África e Ásia, produzindo um amplo trabalho documental. Nos últimos anos dedicou-se à arte contemporânea, tendo desenvolvido projectos fotográficos que constituem o corpo de exposições individuais, tais como *Fridged* e *Breves Histórias sobre Beleza e Apropriação*, e exposições colectivas como *Manimae*.

PEDRO MATOS SOARES is a lead researcher at the Dom Luiz Institute (IDL) and a visiting professor at the Department of Geographic Engineering, Geophysics and Energy, both at the Faculty of Sciences of the University of Lisbon. His doctorate in physics focused on turbulence and clouds in atmospheric models. Over the past decade, he has focused his research effort on modeling and climate change, currently leading the IDL research group *Climate change, Atmosphere-Earth-Oceans processes and extremes*. He has published over 80 scientific articles in international journals and has given hundreds of conference and outreach presentations. Pedro Matos Soares is also a self-taught photographer. His activity began in the field of nature photography, publishing in books and in Portuguese conservation/wildlife magazines. He photographed for environmental flyers, music and dance shows, and some of his photos were displayed individually and collectively. Pedro traveled and photographed extensively in Europe, North and South Americas, Africa, and Asia, producing ample documentary work. In recent years, he has devoted himself to contemporary art, having developed photographic projects that constitute the body of individual exhibitions such as *Fridged* and *Brief Stories about Beauty and Appropriation*, and group exhibitions such as *Manimae*.

CARLOS PITTELLA é poeta, pesquisador e educador, autor do poemário *Civilizações Volume Dois* (Palimage, 2005), coautor de *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a Sua Vida* (Tinta-da-china, 2017), editor do *Fausto* de Pessoa (Tinta-da-china, 2018) e de *Fernando Pessoa, The Poet with Many Faces*, a biografia pessoana escrita por Hubert Jennings (Tinta-da-china, 2019). É mestre e doutor em Letras pela PUC-Rio, tendo defendido a sua tese doutoral sobre os sonetos portugueses, ingleses e franceses de Pessoa. De 2010 a 2014, trabalhou no instituto Global Citizenship Experience, em Chicago, onde foi professor titular por dois anos. Em 2012, recebeu uma bolsa BNP/FLAD para investigar o espólio pessoano. Em 2014-2015, passou nove meses viajando por terra, entre Portugal e Nepal. Em 2015, foi o editor convidado do número especial «Jennings» de *Pessoa Plural*, também lançado como o livro *People of the Archive* (Gávea-Brown, 2016). Pittella organizou um colóquio sobre o arquivo Jennings na Brown University (2016), onde trabalhou até 2019 como *postdoctoral research associate* para o Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros, enquanto coordenava o piloto Journals@BDR, um projeto de organização e divulgação de periódicos da Brown em acesso aberto. Pittella publica regularmente poemas e artigos acadêmicos em revistas dedicadas à literatura e, desde 2015, é investigador afiliado ao Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CET/FLUL).

CARLOS PITTELLA is a poet, researcher and educator, author of the poetry book *Civilizações Volume Dois* (Palimage, 2005), co-author of *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a Sua Vida* (Tinta-da-china, 2017), editor of Pessoa's *Fausto* (Tinta-da-china, 2018) and of *Fernando Pessoa, The Poet with Many Faces*, Hubert Jennings's biography of the poet (Tinta-da-china, 2019). He holds a master's and a PhD in literature, both from PUC-Rio, having defended his doctoral thesis on the Portuguese, English and French sonnets of Pessoa. From 2010 to 2014, he worked at Global Citizenship Experience, in Chicago, serving as curriculum chair for two years. In 2012, he received a BNP/FLAD grant to do research on Pessoa's archive. In 2014-2015, he traveled by land for nine months, attempting to go from Portugal to Nepal. In 2015, he was the guest-editor of *Pessoa Plural*'s special "Jennings" issue, which was later printed as the book *People of the Archive* (Gávea-Brown, 2016). He organized a colloquium on Jennings at Brown University (2016), where he worked until 2019 as postdoctoral research associate for the Department of Portuguese and Brazilian Studies, while also coordinating the pilot Journals@BDR, an open-access project dedicated to organize and divulge Brown's scientific journals. Pittella regularly publishes poems and academic articles in specialized periodicals and, since 2015, is affiliated with the Centre for Theatre Studies (CET) of the University of Lisbon.